

Prólogo

Bastet é um conto ambientado no universo de **Architects of the Veil**. Pode ser lido de forma independente, mas ressoa com eventos, temas e consequências explorados com maior profundidade no romance **Architects of the Veil — O Véu da Normalidade**.

Nenhum conhecimento prévio é necessário para acompanhar esta história.

Ela existe como uma janela para um mundo maior — e, como toda janela, não revela tudo.

E. M. Ward

Site Oficial do Autor

emward.net

BASTET — LUXOR, 2003

— Antes do nome, antes do símbolo.

Vale dos Reis. Antiga Tebas. Atual Luxor.

A tumba não constava em nenhum mapa oficial.

Lena desceu primeiro. O ar lá embaixo era velho, espesso, como se não tivesse sido respirado desde que o mundo aprendera a pronunciar nomes. À luz da lanterna, a câmara se revelou intacta — demasiadamente intacta para algo que deveria ter sido saqueado há milênios.

Um sarcófago de pedra ocupava o centro, coberto por hieróglifos e imagens de deuses protetores. Anúbis surgia repetidas vezes, vigilante, com o focinho erguido e o olhar voltado não para os mortos, mas para quem ousasse perturbá-los.

Ao redor, o inventário silencioso de um homem poderoso:

Amuletos de escaravelho, colares e braceletes de ouro, lápis-lazúli e faiança, todos dispostos com cuidado ritual. Vasos canopos guardavam os órgãos do morto, cada qual sob a tutela de uma divindade. Armas denunciavam a posição do ocupante — punhais, khopeshes de lâmina curva, restos de arcos de madeira e osso. Um general. Alguém em quem o faraó confiara vitórias e segredos.

Havia também oferendas para o além: modelos de barcos e carroças em miniatura, alimentos mumificados, potes de alabastro com vestígios de cerveja e pão. Ushabtis alinhavam-se nas paredes, servos eternos destinados a trabalhar no Duat em lugar de seu senhor.

Mas nada daquilo prendeu Lena por muito tempo.

O que a fez sorrir — rir, na verdade, com a alegria infantil de quem crescera sonhando com aventuras impossíveis — foi o baú.

Ela o abriu.

O fundo estava coberto por barras de ouro. Ouro bruto, pesado, empilhado sem delicadeza. Espólio de guerras vencidas. Recompensa de sangue e estratégia.

No centro, repousando sobre um tecido de linho vermelho absurdamente bem preservado, havia um pingente.

Bastet.

Ainda que o nome não tivesse surgido em sua mente, Lena sentiu o olhar.

Não vinha da escuridão.

Vinha de dentro.

Um aviso antigo, doméstico e selvagem ao mesmo tempo. Como o silêncio que antecede o salto de um gato.

A câmara não reagiu com ruído nem com luz. Reagiu com contenção. Nada ali queria atacá-la. Nada queria tocá-la. Tudo esperava.

O pingente repousava na arca como algo que jamais fora perdido.

Não era um achado.

Era um retorno.

Lena o ergueu com as mãos enluvadas, como quem segura um tesouro e, ao mesmo tempo, algo que não lhe pertence por completo. Não houve explosão, nem visões arrebatadoras.

Houve apenas uma certeza incômoda:

Algumas coisas não escolhem o mundo.

Elas escolhem quem ficará entre o mundo e aquilo que o atravessa.

O metal não estava frio.

Nem quente.

Estava atento.

Ela sentiu o peso daquilo na alma muito antes de sentir no corpo. Como se o objeto medisse sua respiração, seus medos — e algo mais profundo, para o qual nunca encontrara nome.

Ao redor, os gatos entalhados nas paredes não se moviam.

Mas mudavam.

Os olhos, antes meros símbolos, tornaram-se função. Não observavam Lena. Observavam o que poderia tentar alcançá-la depois.

Ela pensou em Jorge.

O jovem soldado que conhecera no mercado local, o Bazar de Luxor. Inconveniente, insistente, dono de um humor irritante e eficaz. Com uma aposta boba e uma cantada mal ensaiada, ele conseguira arrancar dela uma promessa de encontro — e seu número de telefone.

Ela não o desejava.

Mas estava, contra a própria vontade, dividida.

Não por saudade.

Mas por âncora.

Pensou, então, em uma criança que ainda não existia.

E o pingente respondeu.

Um pulso breve.

Como um ronronar distante.

Naquele instante, algo do outro lado do Limiar tentou olhar de volta.

Não cruzou.

Não ousou.

A presença foi rechaçada com a naturalidade de quem fecha a porta de casa ao ouvir passos estranhos no corredor.

Bastet não caçava.

Não julgava.

Não conduzia almas.

Ela guardava o intervalo.

O espaço pequeno entre a premonição e o acontecimento, entre o berço e o lar.

Entre o sono e o despertar.

Entre a vida — e o momento em que algo indevido tenta atravessar.

Quando Lena deixou a câmara, o deserto pareceu comum demais. O mundo continuava igual. Mas agora havia algo que não permitiria que certos olhos se abrissem perto dela.

E muitos anos depois, quando mãos surgiriam de uma tela impossível, não seria apenas a fé que as faria recuar primeiro. Seria território.

Ao final do dia, Lena tentou fazer o que sempre fazia. Catalogar.

Sentada à mesa improvisada da escavação, abriu o caderno de campo, respirou fundo e escreveu com cuidado:

Item 47 — Pingente em metal escuro, representação de Bastet, procedência desconhecida.

A tinta ainda estava fresca quando começou a falhar. Primeiro empalideceu. Depois, escorreu para trás, como se estivesse sendo puxada de volta para a caneta. Por fim, desapareceu.

O papel ficou limpo.

Intocado.

Como se nada tivesse sido escrito.

— Não... — murmurou.

Tentou de novo.

O mesmo resultado.

Não houve ameaça.

Não houve dor.

Apenas uma recusa absoluta.

O vento atravessou a tenda e passou por seus cabelos. Dentro dele, como uma voz que não vinha de fora, ela ouviu:

Isto não será listado.

O medo veio atrasado, como sempre acontece com coisas realmente sérias.

Lena chamou a chefe da escavação, July H. Bogart — futura curadora da seção de Egíptologia do Smithsonian — e pediu para ver as fotos catalogadas no computador.

Quando a imagem apareceu, seu estômago afundou.

Onde o pingente deveria estar, havia apenas um escaravelho.

Perfeito.

Impossível.

Os simbolismos se atropelaram em sua mente. Renascimento. Proteção. Sol nascente. Autogeração.

Ela coçou a cabeça. Não era ladra. Mas sentia, com clareza incômoda, o peso do pingente em seu bolso.

— July... por hoje chega. Eu preciso parar — disse, levantando-se.

July a observou por um segundo a mais do que o normal.

— Tudo bem. Vá descansar. Hoje é sexta-feira. Segunda a gente recomeça.

Naquela noite, longe da equipe, Lena caminhou até o limite da escavação e lançou o pingente no deserto. Não com raiva. Com respeito nervoso.

O objeto descreveu um arco breve e desapareceu na areia.

Ela respirou aliviada. Por exatamente três passos.

O peso reapareceu no bolso da jaqueta.

Lena parou. Gelou. Retirou o pingente.

O metal estava morno.

Satisfeito.

— Você não é normal — murmurou, com um riso curto e quase histérico.

Ao entrar em um café de Luxor, naquela mesma noite, percebeu outra coisa.

Os gatos.

Estavam por toda parte — como sempre estiveram. Mas agora a olhavam. Não com fome. Nem curiosidade.

Com reconhecimento.

Alguns se levantavam quando ela passava. Outros a seguiam por alguns metros antes de parar, sentar e observá-la ir.

Um gato preto, de olhos verdes como esmeraldas, caminhou ao lado dela por uma quadra inteira, a cauda ereta, solene.

— Isso é impossível! — sussurrou.

Ela entrou em um bar pequeno, antigo, iluminado por luz quente e música baixa. Precisava de algo sólido. Humano. Um copo. Um rosto.

— Você anda sempre assim... como se o mundo tivesse acabado de te contar um segredo?

Ela ergueu os olhos.

Jorge.

Postura relaxada demais para alguém que claramente não estava ali por acaso. O sorriso era fácil. Treinado. Os olhos, atentos.

— E você costuma abordar mulheres sozinhas desse jeito? — respondeu, apoiando o cotovelo no balcão enquanto segurava o pingente em uma mão.

— Só as que parecem prestes a jogar um artefato milenar no lixo.

Dois copos surgiram entre eles.

— Esse pingente ficaria melhor no seu pescoço — disse ele, com naturalidade desconcertante.

Antes que ela reagisse, Jorge afastou delicadamente o cabelo de Lena. Sentindo, sem perceber o que ocorria, as mãos quentes e o coração acelerando, ele prendeu o colar. Ela se arrepiou — não sabia se pelo toque dele ou pelo peso súbito da coisa.

Por um instante, lembrou-se da primeira vez que colocara uma coleira em um animal ainda filhote. A sensação de vínculo. E de perda de escolha.

Ela o retirou e o colocou sobre o balcão.

— Sou arqueóloga — disse. — E hoje descobri que algumas coisas não gostam de ser perdidas.

— Costuma ser o tipo de coisa que vira problema — respondeu ele. — Ou história.

Ela riu. Pela primeira vez desde a câmara.

Num impulso, lançou o pingente pela porta aberta do bar.

— Pronto. Resolvido.

Jorge arqueou a sobrancelha.

— Tem certeza?

Algo roçou as pernas de Lena.

Um gato.

Preto. Elegante. Os mesmos olhos verdes.

Ele se aninhou contra ela, ronronando baixo.

— Não... não, não... — murmurou.

O gato ergueu o rosto, encarou-a e fechou os olhos.

Quando Lena olhou de volta para o balcão, o pingente estava ali novamente.

Jorge observou em silêncio.

— Ou eu bebi demais — disse por fim — ou você acabou de entrar na minha vida do jeito mais interessante possível.

Lena riu, nervosa.

Do lado de fora, o gato desapareceu na multidão. Na alma de Lena, Bastet permaneceu. Não como ameaça. Não como bênção. Mas como quem decide ficar. Porque gostou do ambiente.

NOTA SOBRE DIREITOS DE ADAPTAÇÃO

O conto *Bastet* pode ser adaptado em curtas-metragens de caráter educacional ou experimental, mediante licença simbólica no valor de US\$ 1 (um dólar).

Essa autorização se restringe a produções não comerciais, sem qualquer forma de monetização direta ou indireta, incluindo exibição em plataformas digitais como o YouTube ou similares desde que os vídeos não sejam monetizados.

Todos os direitos comerciais permanecem integralmente reservados ao autor, incluindo adaptações para cinema, televisão, streaming, festivais comerciais ou qualquer forma de exploração remunerada.

Para qualquer uso fora desses limites, é necessário contato e autorização formal prévios.